

## **Horacio Quiroga: *La profesión literaria***

Tradução de Willian Henrique Cândido Moura<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Mauro Maciel Simões<sup>2</sup>  
Escola do Parque

Horacio Quiroga (1878 – 1937), renomado escritor uruguai, escreveu entre 1922 e 1930 uma série de ensaios sobre literatura dedicados, em sua maioria, ao trabalho de contista. No ensaio aqui traduzido, Quiroga discute aspectos sobre a profissão de escritor, tais como a remuneração paga pelos jornais e revistas argentinas e uruguaias no final do século XIX e início do século XX. O autor aborda também o desprestígio que a profissão gozava nesse período de tempo, além de fazer uma crítica às pessoas que escreviam literatura em seu tempo livre e que usuravam, muitas vezes, o lugar de quem tinha a literatura como uma profissão em tempo integral.

\*\*\*

### **A Profissão Literária**

Horacio Quiroga

A arte de escrever ou, de outro modo, a capacidade de suscitar emoções artísticas por meio da palavra escrita, leva junto de si a constituição de um mercado literário cujas contribuições estão diretamente relacionadas ao prazer proporcionado por seus valores. Os jornais e revistas, e em menor grau o livro e o teatro, constituem esse mercado.

O que vimos dizendo não é uma novidade nem para os escritores e nem para o público, mas autores e leitores gostam de ver delineado, uma vez mais, o campo de ação em que se agitam seus amores.

Deveriam acreditar que o exercício de uma atividade tão vasta, forte e invejada quanto a que nos diz respeito, permite ao escritor renomado desfrutar das alegrias da

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC). Florianópolis, Brasil. Bolsista Capes. E-mail: willianhenry\_@hotmail.com

<sup>2</sup> Coordenador Pedagógico da Escola do Parque, Florianópolis, Brasil. Graduado em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: mauromaciesilmoes@gmail.com

vida na mesma proporção dos prazeres que deseja. Não é assim, e isso também não é ignorado por ninguém.

Mas há no público um limite de conhecimento acerca do anterior, que raramente um ou outro leigo atravessa. Se em outros tempos se considerou que a projeção espectral da arte é a miséria, e que a criação da beleza consome as entranhas como uma ferida mortal, desde meados do século passado se teve também a certeza de que o *ananke* inerente à poesia havia, por fim, arrancado seus braços dela, e que a arte de escrever, o dom de criar beleza com a caneta, já constitui, felizmente, uma nobre, judiciosa e dourada profissão.

De acordo com esse conceito moderno, a literatura passou a ocupar uma posição audaciosa para o público entre os trabalhos produtores de riqueza.

Sem entrar em apreciações sobre a maior ou a menor quantidade de arte que reprime ou exalta a difusão de um livro, é certo que o público pensa corretamente; especialmente, se for lembrado que para o ignorante um número de versos ou de contos é escrito em seu tempo livre.

Quando os romances chamados semanais estavam, entre nós, em seu auge, foi possível comprovar que a maioria das colaborações espontâneas de tais órgãos vinha de seres totalmente alheios à profissão. Em seu tempo livre, escreviam um livrinho para ganhar alguns trocados.

Possivelmente, essas pessoas tinham trabalhado mais para confeccionar sua historinha do que tinham suado em sua tarefa habitual. Mas, assim como para o artista, uma dura martelada ou a divisão de uma conta se tornam um simples descanso, para o trabalhador de escritório a tarefa de meditar histórias constitui uma simples perda de tempo.

“Ociosidade remunerada”: esse deveria ser o lema da arte para o trabalhador ou funcionário que encheu as editoras com um volume cada vez maior de seus romances.

– Veja bem – nos dizia um deles –. Por mais que o senhor apareça, não poderá apreciar a tarefa que temos no escritório e a soma dos esforços que nos são exigidos seis horas por semana. E para quê? Para ganhar uma miséria, apenas o pão de cada dia. Ouvi dizer que, para cada livrinho, eles pagam a seus autores duzentos pesos. Há quem diga menos, então, coloque cem. O senhor entende? Cem pesos por algumas horas de descanso e sem mais do que deixar a fantasia voar. Aqui o senhor me tem sem saber o que fazer aos domingos, quando o sol esquenta. Bem, fico em casa, fresquinho: pego a

caneta, e na paz da consolação que proporciona isso de meditar continhos, vamos ganhando, como se diz, cem pesos. O senhor entende?

– Imagine, irmão! – ouvimos os outros dizerem –. Não sabia de onde tirar duzentos pesos, pois me fazem falta, e o senhor Urrutia me diz que vão pagar duzentos pesos a ele por um livrinho. Você se dá conta? Aqui mesmo, no escritório, comecei a escrever um conto extraordinário e terminei em duas sentadas... Isso é ter sorte.

Mas, ainda assim, e sem generalizar ambos os casos, por mais frequentes que sejam, a profissão literária não é o que o público ignorante imagina. O romance semanal e seu pagamento tentador foram uma loteria. Infinitas pessoas que não escreverão novamente enriqueceram, na medida do possível, com apenas uma obra. Nunca tinham escrito, nem voltarão a escrever. Aproveitaram um instante da fortuna, e para eles, sem dúvida, a literatura foi uma mina de ouro.

Muito diferente é a posição do homem que deve dedicar não seu tempo ocioso, mas as horas mais lúcidas e difíceis de sua vida, pois nelas existem duas coisas capitais: sua honra, pois é um artista, e sua vida, pois é um profissional.

A ele se eleva o mercado literário; somente ele conhece suas flutuações, suas amarguras e seus prazeres inesperados.

Entre nós, acredito que a cotação comercial dos valores literários remonta a apenas trinta e poucos anos. Em outras palavras: foi apenas por volta de 1893 que o escritor começou a ver o seu trabalho sendo reconhecido. Duvidamos que algum escritor já tenha ganho algum peso nacional antes daquela época. Naquela época, Darío encontrou um editor de revista bastante generoso para comprar um de seus sonetos mais famosos por cinco pesos.

Os nomes mais cotados em 1895 foram Rubén Darío, Roberto Payró e Leopoldo Lugones. Chegaram a ser pagos quinze pesos por conto ou poema, embora seja verdade que na primeira vez em que Darío foi cobrar tão generosa quantia, teve que se contentar com apenas cinco pesos, devido às lágrimas com que o editor chorava sua miséria.

Quinze pesos! Os escritores de hoje, cidadãos de uma idade de ouro, uma vez que recebem facilmente cem pesos por uma colaboração habitual, ignoram o sabor violento de luta e de conquista que aqueles cinco pesos iniciais tiveram para o escritor que exaltava seu direito à vida em uma época tão selvagem.

Embora o livro e o teatro não sejam valores de cotação do dia, eles constituem a mais forte renda do trabalho literário. A casa editora de Martínez Zuviría, em 1921, afirmava que este autor recebia uma renda anual de dezoito a vinte mil pesos por

direitos autorais. Como desde então agregou seis ou sete livros a seu *stock* já abundante, é possível acreditar que tal escritor tenha chegado hoje a uma renda de vinte e cinco a trinta mil pesos, renda que irá aumentar, sem dúvida alguma, até um limite que não se possa mais prever.

Nem todos os autores, infelizmente, nem mesmo os mais sonhadores podem oferecer à áspera e prosaica vida essa revanche triunfal. Dizem que alguns – Gálvez e Larreta entre outros – têm alcançado os quarenta mil exemplares. É possível; mas a maioria dos escritores não alcançam um ou outro ao vender dois mil exemplares de cada obra.

Mas a colaboração constante em jornais e revistas - poderá se objetar - deve proporcionar um alívio maior na luta pela vida.

Novo erro, que podemos salvar dessa vez com dados precisos e gerais, pois falta uma informação detalhada sobre o gasto e a produção de cada autor. Se há um caso particular que pode ilustrar algo a respeito, ele é, com certeza, o meu. Não acredito que esse caso ofereça diferenças sensíveis com as quais outros escritores possam tender à curiosidade.

Eu comecei a escrever em 1901. Nesse ano *La Alborada Montevideo* me pagou três pesos por uma colaboração. A partir desse instante, pretendi ganhar a vida escrevendo.

No ano seguinte, e já em Buenos Aires, o *Gladiador* me pagava um trabalho com quinze pesos, para alcançar *Caras y Caretas*, em 1906, a vinte pesos.

Se não a idade de pedra, como Lugones, Payró e Darío, eu consegui conhecer a idade de ferro da nossa literatura. E não diria nada novo ao afirmar que aqueles três pesos com os quais o *La Alborada* valorizou minha inteligência, honraram-me mais do que a grande retribuição que hoje os jornais e revistas pagam aos escritores atuais.

Desde então, e sem descontinuidade, tem sido um valor cotável no mercado literário, com as altas e baixas que todos conhecemos perfeitamente.

Durante os vinte e seis anos que vão desde 1901 até hoje, ganhei doze mil e quatrocentos pesos com minha profissão. Essa quantidade, nesse período de tempo, corresponde a um pagamento ou salário de trinta e nove pesos e setenta e cinco centavos por mês.

Vale destacar que se eu, um escritor dotado de certas condições e que acredito ter nascido para escrever, porque a arte literária constitui minha notória atividade mental

– quer dizer que se eu tivesse ganho a vida exclusivamente com ela, teria morrido sete dias depois de iniciar minha vocação, com as entranhas roídas.

A arte é, portanto, um dom do céu; mas sua profissão não é. E nem sequer a morte, suprema compensadora, nos dá alguma esperança, porque sabe-se que nossos filhos, naturalmente mais pobres que seus pais, perdem, após o décimo ano de sua morte, todo o direito à renda que então começaram a dar as obras dos mais ricos entre nós.

\*\*\*

### **La profesión literaria**

Horacio Quiroga

El arte de escribir, o, de otro modo, la capacidad de suscitar emociones artísticas por medio de la palabra escrita, lleva aparejada consigo la constitución de un mercado literario cuyas cotizaciones están en razón directa del goce que proporcionan sus valores. Los diarios y revistas, y en menor grado el libro y el teatro, constituyen este mercado.

No es para los escritores ni para el público una novedad cuanto venimos diciendo; pero autores y lectores gustan de ver delineado, una vez más el campo de acción en que se agitan sus amores.

Debería creerse que el ejercicio de una actividad tan vasta, fuerte y envidiada como la que nos ocupa, permite al escritor de nombre disfrutar de los goces de la vida en proporción de los deleites que hace gustar. No es así, y tampoco esto lo ignora nadie.

Pero hay en el público un límite de conocimientos acerca de lo anterior, que raramente uno que otro profano traspasa. Si en otros tiempos se tuvo por cierto que la proyección espectral del arte es la miseria, y que el crear belleza consume las entrañas como una llaga mortal, desde mediados del siglo pasado se tuvo también la certeza de que el *ananké* inherente a la poesía había por fin arrancado sus brazos de ella, y que el arte de escribir, el don de crear belleza con la pluma, constituye ya, felizmente, una noble, juiciosa y dorada profesión.

De acuerdo con este concepto moderno, la literatura ha pasado a ocupar para el público una audaz posición entre los oficios productores de riqueza.

Sin entrar en apreciaciones sobre la mayor o menor cantidad de arte que reprime o exalta la difusión de un libro, es cierto que el público piensa acertadamente, sobre

todo si se recuerda que para el filisteo un tomo de versos o de cuentos se escribe en los ratos de ocio.

Cuando las novelas llamadas semanales gozaban entre nosotros de gran auge, pudo comprobarse que la mayoría de las colaboraciones espontáneas de dichos órganos provenían de seres totalmente ajenos a la profesión. En sus ratos de ocio habían escrito una novelita para ganar unos pesos.

Possiblemente, dichas personas habían trabajado más para confeccionar su historieta que lo habían sudado en su tarea habitual. Pero así como para el artista un duro martilleo o la división de una cuenta se tornan un simple descanso, para el oficinista la tarea de meditar historias constituye una simple pérdida de tiempo.

«Ociosidad remunerada»: tal debería ser el lema del arte para el obrero o dependiente que hartó a las casas editoras con el volumen sin cesar creciente de sus novelas.

— Oiga usted — decíanos uno de ellos —. Por mucho que usted figure, no alcanzará a valorar la tarea que tenemos en la oficina y la suma de esfuerzos que nos exigen las seis horas de la semana. Y ¿para qué? Para ganar una bicoca, justo el pan de cada día. Tengo oído que por cada novelilla abonan a sus autores doscientos pesos. Quien dice menos. Ponga usted cien. ¿Está usted? Cien pesos por unas horas de descanso y sin más que dejar volar la fantasía. Aquí me tiene usted sin saber qué hacer los domingos, cuando el sol aprieta. Pues, me quedo en casa, fresquito: cojo la pluma, y en la paz del solaz que proporciona esto de meditar cuentecillos, vamos ganando, como quien dice, cien pesos. ¿Está usted?

—¡Figúrate, hermano! — oímos decir a otro —. No sabía de dónde sacar doscientos pesos que me hacen falta, y el negro Urrutia me sale con que a él le van a pagar doscientos pesos por una novelita. ¿Te das cuenta?... Aquí mismo, en la oficina, me puse a escribir un cuento macanudo, y lo acabé en dos sentadas... Esto es tener suerte.

Pero aun así, y sin generalizar ambos casos, por frecuentes que sean, la profesión literaria no es lo que el público ignaro se figura. La novela semanal y su pago tentador fueron una lotería. Infinitos seres que no volverán a escribir se enriquecieron — en la medida de lo posible — con una sola obra. Nunca había escrito, ni reincidirán. Gozaron un instante de la fortuna, y para ellos, sin duda, la literatura fue una mina de oro.

Pero muy distinta es la posición del hombre que debe dedicarle, no sus horas de ocio, sino las más lúcidas y difíciles de su vida, pues en ellas le van dos cosas capitales: su honra pues es un artista, y su vida, pues es un profesional.

Para él se yergue el mercado literario; sólo él conoce sus fluctuaciones, sus amarguras y sus goces inesperados.

Entre nosotros creo que apenas se remonta a treinta y tantos años la cotización comercial de los valores literarios. En otros términos: recién hacia 1893 comenzó el escritor a ver retribuido su trabajo. Dudamos de que escritor alguno haya ganado un peso moneda nacional antes de aquella época. Por aquel entonces Darío halla un editor de revista bastante generoso para comprarle en cinco pesos uno de sus más famosos sonetos.

Los valores más cotizados en 1895 fueron Rubén Darío, Roberto Payró y Leopoldo Lugones. Llegó a pagarse quince pesos por cuento o poema, si bien es cierto que la primera vez que Darío fue a cobrar tan fastuosa suma, debió contentarse con sólo cinco pesos, en mérito de las lágrimas con que el editor lloraba su miseria.

¡Quince pesos! Los escritores de hoy, ciudadanos de una edad de oro, pues perciben fácilmente cien pesos por colaboración habitual, ignoran el violento sabor de lucha y conquista que tenían aquellos cinco iniciales pesos con que el escritor exaltaba su derecho a la vida en tan salvaje edad.

Aunque el libro y el teatro no son valores de cotización al día, ellos constituyen la más fuerte renta del trabajo literario. La casa editora de Martínez Zuviría, en 1921, afirmaba que este autor percibía una renta anual de dieciocho a veinte mil pesos por derechos de autor. Como desde entonces ha agregado seis o siete libros a su ya copioso *stock*, es creíble que dicho escritor haya llegado hoy a una renta de veinticinco a treinta mil pesos, renta que irá aumentando, sin duda alguna, hasta un límite que no se puede prever.

No todos los autores, desgraciadamente, ni aun los sonados pueden ofrecer a la áspera y prosaica vida este triunfal desquite. Dícese de algunos — Gálvez y Larreta entre otros— que han alcanzado los cuarenta mil ejemplares. Es posible; pero la mayoría de los escritores no alcanzan uno con otro a vender dos mil ejemplares de cada obra.

Pero la colaboración constante en diarios y revistas — podrá objetarse — debe proporcionar un desahogo más amplio en la lucha por la vida.

Nuevo error, y que podemos salvar esta vez con datos precisos y generales, pues falta una información detallada sobre la producción y el estipendio de cada autor. Si un caso particular puede ilustrar algo al respecto, va, con ciertos detalles, el mío. No creo ofrezca este caso diferencias sensibles con el que pudieran tender a la curiosidad otros escritores.

Yo comencé a escribir en 1901. En ese año *La Alborada Montevideo* me pagó tres pesos por una colaboración. Desde ese instante, pues, he pretendido ganarme la vida escribiendo.

Al año siguiente, y ya en Buenos Aires, el *Gladiador* me retribuía con quince pesos un trabajo, para alcanzar con *Caras y Caretas*, en 1906, a veinte pesos.

Si no la edad de piedra, como Lugones, Payró y Darío, yo alcancé a conocer la edad de hierro de nuestra literatura. Y nada nuevo diría al afirmar que aquellos tres pesos con que *La Alborada* valoró mi ingenio, me honraban más que lo que honra hoy a los escritores actuales la fuerte retribución de que gozamos en diarios y en revistas.

Desde entonces, y sin discontinuidad, he sido un valor cotizable en el mercado literario, con las alzas y bajas que todos conocemos perfectamente.

Durante los veintiséis años que corren desde 1901 hasta la fecha, yo he ganado con mi profesión doce mil cuatrocientos pesos. Esta cantidad en tal plano de tiempo corresponde a un pago o sueldo de treinta y nueve pesos con setenta y cinco centavos por mes.

Vale decir que si yo, escritor dotado de ciertas condiciones y de quien es presumible creer que ha nacido para escribir, por constituir el arte literario su notoria actividad mental — quiere decir entonces que si yo debiera haberme ganado la vida exclusivamente con aquella, habría muerto a los siete días de iniciarme en mi vocación, con las entrañas roídas.

El arte es, pues, un don del cielo; pero su profesión no lo es. Y ni siquiera la muerte, suprema compensadora, nos da esperanza alguna, pues es sabido que nuestros hijos, naturalmente más pobres que su padre, pierden, a los diez años de muerto aquél, todo derecho a la renta que entonces comienzan a dar las obras de los más afortunados de entre nosotros.

## **REFERÊNCIAS**

QUIROGA, Horacio. La profesión literaria. *Fundación Horacio Quiroga*. Disponível em: <https://horacioquiroga.org/ensayos/sobre-el-arte-de-contar-historias/6/>. Acesso em março de 2020.